

CASA CLAUDIA LUXO

DECORAÇÃO DESIGN ARTE ARQUITETURA

CAPA

A ATMOSFERA
CINEMATOGRÁFICA
DA ARQUITETURA
DE ISAY WEINFELD

PROJETOS

O REFÚGIO DE CAMPO
DE DEBORAH ROIG SE
ABRE PARA A PAISAGEM

O ESTILO DE BETO GALVEZ
E NÓREA DE VITTO
INVESTE EM CONTRASTES
DE CORES E ÉPOCAS

EM TRANCOSO, VIDRO
E MADEIRA INTEGRAM
A CASA MOLDADA
POR PAULO JACOBSEN

ANA MARIA E INDIO
DA COSTA CRIAM UM
ESPETÁCULO À PARTE
EM SEU ANEXO DE LAZER

ARTE E ARQUITETURA
UM RETRATO DA CASA-
ATELIÊ DE LEDA CATUNDA

UMA CONVERSA SABOROSA
COM O MESTRE
PAULO MENDES DA ROCHA

AS OBRAS DE ARTE DO
ITAMARATY PELO OLHAR
DE ANDRÉ VIEIRA

ENTREVISTA COM TADAO
ANDO: O ALQUIMISTA
DE VOLUMES E TEXTURAS



CASA.COM.BR

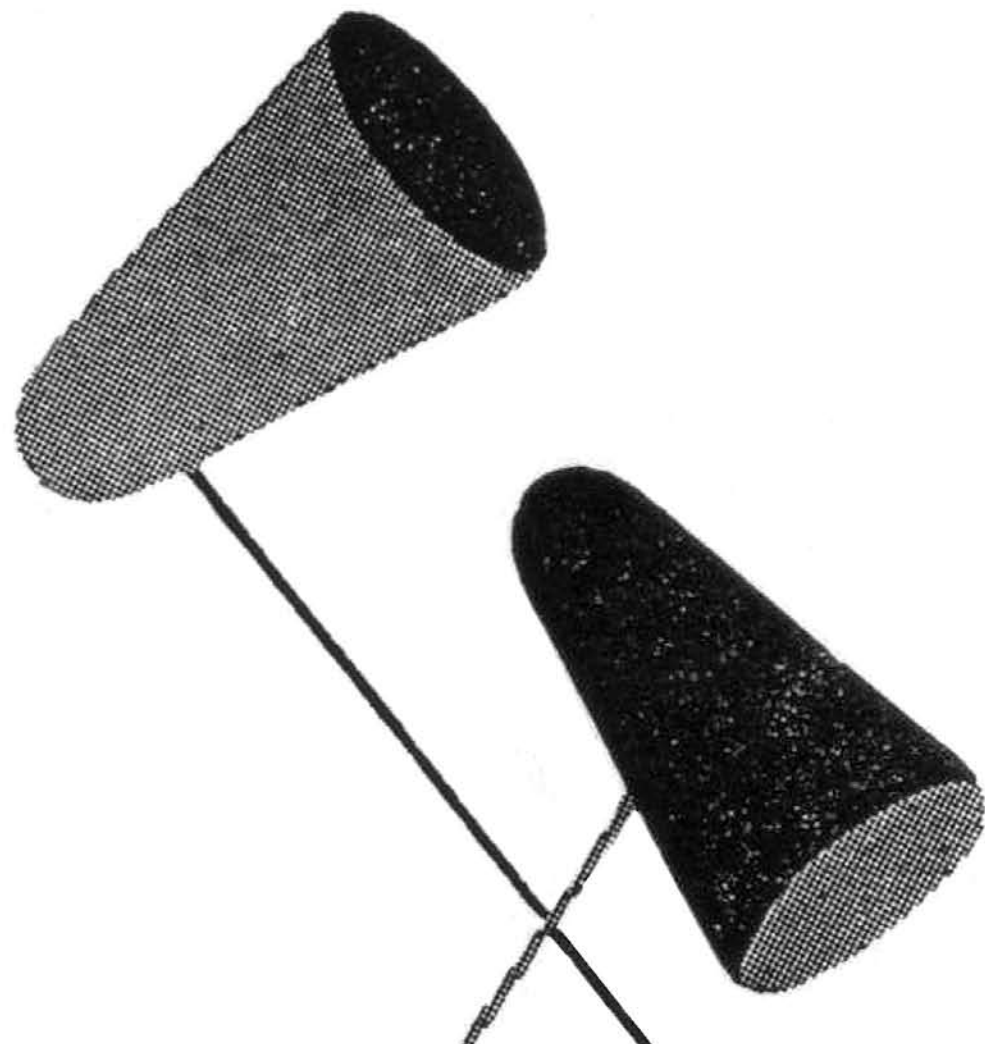


R\$ 28,00 ED. 594



71893614077079

DESTAQUE
ESTE FLIP
E SUA REVISTA
SE TRANSFORMA
EM UM LIVRO
DE MESA



Conversas com FURIO DOMINICI

Gostaria que tivessem sido muitas. Uma pena, não foram. Mas pude desfrutar cada minuto de suas lembranças, que me levaram a momentos e lugares compartilhados com tanta delicadeza. Foi tudo o que a distância a nos separar – ele em Florianópolis, eu em São Paulo –, acrescida de sua dificuldade de audição, permitiu, além da preciosa troca de cartões, bilhetes e cartas.

l por baba vacaro*



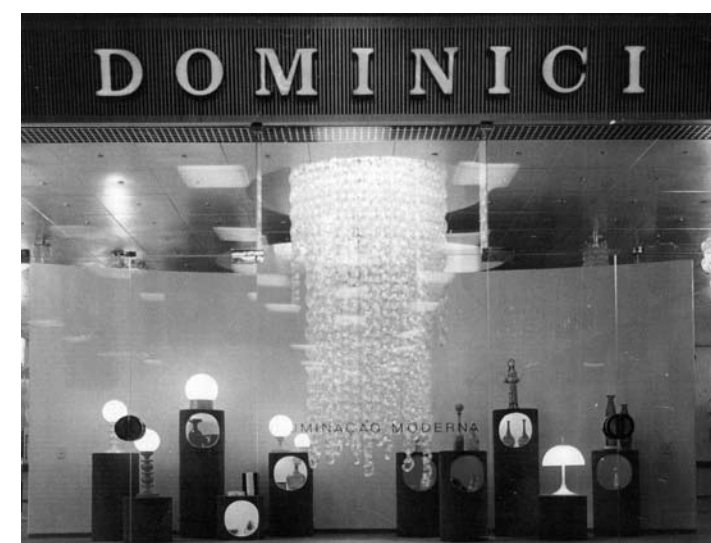
Quando assumi o departamento de design da Dominici, no ano 2000, seu fundador, Enrico Furio Dominici, já havia deixado a empresa fazia mais de dez anos. Mas a marca, vendida em 1998 para a DL Iluminação, havia mantido os arquivos originais, catálogos e fotografias que me ajudariam a reescrever sua trajetória. Mergulhei naquele universo com muito empenho e um enorme respeito. Minhas próprias memórias despertavam a cada álbum que abria. Tudo o que queria naquele momento era conhecer o responsável pelo vasto repertório, que contava uma grande parte da história da iluminação no Brasil.

Em meu primeiro encontro com essa incrível figura, no alto de seus 90 e poucos anos, fui surpreendida por suas lúcidas memórias de tudo o que construiu, na Itália e no Brasil. Nascido em Bolonha, em 1909, lembrou quando aos 13 anos, órfão do pai ator, percebendo as dificuldades que a mãe, cantora lírica, tinha para criar os filhos, decidiu partir e assim ser uma boca a menos para ser sustentada.

Em Gênova, o acaso o levou a conhecer um leiloeiro que o introduziria na arte do comércio. Dez anos depois, de volta a Bolonha, o acaso o surpreendeu novamente. Sentado no histórico café Zanarini, no centro da cidade, descobriu que o proprietário de uma loja situada em frente estava de partida para Roma. Ele o ajudou a vender seu estoque e se propôs a ficar com o imóvel, no qual construiria sua primeira loja Dominici. Lembrou com orgulho: “Era uma linda loja, com três vitrines”. Nela, passou a vender objetos clássicos do bom artesanato italiano da época: vasos, adornos e grandes lustres criados pelos melhores mestres vidreiros de Murano. Com eles, a partir de então, estabeleceu uma relação de amizade que duraria muitos anos.

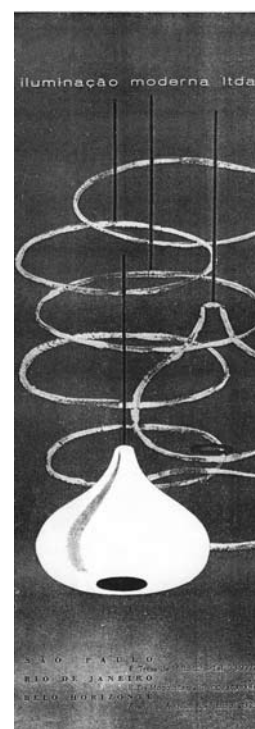
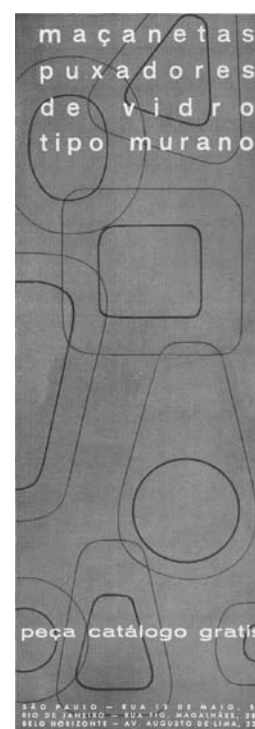
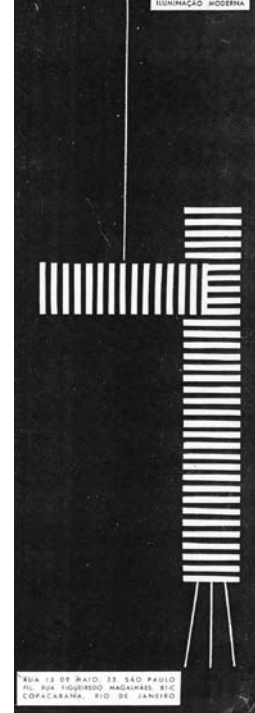
Nas suas frequentes viagens a Veneza, aprendeu com grandes mestres, como Seguso e Venini, e se encantou com a vanguarda de Giò Ponti e Pietro Chiesa, com suas peças desenvolvidas para a recém-fundada Fontana Arte. Grandes placas de vidro curvado que se transformavam em mesas ou peças modernas como a *Luminator*, de Chiesa, fizeram brilhar seus olhos: era o futuro que chegava. Essa convivência lhe despertou o gosto pela transformação de uma ideia em um produto, o que viria a ser a base de seu próprio futuro.

À direita, uma linha do tempo de lojas Dominici. A primeira, em Bolonha, Itália, inaugurada em 1934. No centro, a fachada da rua Xavier de Toledo, em São Paulo, de 1947. Abaixo, vitrine da loja do Shopping Center 3, na avenida Paulista. À esquerda, abaixo, Enrico Furio Dominici logo após sua chegada ao Brasil, em 1946, em sua primeira mostra de produtos importados da Itália.





Ao lado, anúncios da marca publicados em revistas especializadas, como *Acrópole* e *Habitat*, nos anos 50. Nessa época, a empresa já contava com um ilustrador e logo teve uma gráfica própria, que produzia todo o material de divulgação. Acima, anúncio da coleção *New Classics*, do ano 2000, a primeira que relacionou os clássicos do acervo Dominici dos anos 50.



Furio Dominici atravessou em Bolonha os anos da Segunda Guerra Mundial e viu a crise econômica paralisar a Itália, até que, em 1946, temendo que uma terceira guerra estivesse por vir, decidiu novamente partir. Entre o estabelecido Peronismo na Argentina, destino de muitos que emigraram nesse período, e a promessa de um regime democrático que se instaurava no Brasil com o fim do Estado Novo, decidiu-se pela segunda opção. Motivou-se também pelas notícias que chegavam do Brasil, um país que desabrochava e parecia transbordar alegria. No navio Barão de Jaceguai, embarcou com outros italianos que se tornaram figuras importantes para o desenvolvimento das artes, arquitetura e design brasileiros. Lembrou-se de Lina Bo, “uma linda senhora”, e Pietro Maria Bardi, seus vizinhos de cabine.

Entre seus fornecedores, selecionou uma centena de produtos que trouxe, expôs e vendeu com certa facilidade no Rio de Janeiro, o primeiro destino no Brasil. É impressionante a riqueza de detalhes com que contou esse pedaço de sua história. Surpreso pelo fato de só existirem lojas generalistas no Brasil, onde se vendiam de bicicletas a roupas para senhoras, decidiu montar uma loja como sua Dominici de Bolonha, dedicada exclusivamente a objetos de decoração e iluminação. Em 1947, seu primeiro endereço em São Paulo foi na rua Xavier de Toledo, no fervilhante centro da cidade, em que, segundo ele, para onde se olhasse havia algo em construção. Era o lugar perfeito para o negócio começar a crescer.

Nos anos 50, abriu sua primeira loja no Rio de Janeiro. Além da inauguração em clima de avant-première, lembrou-se de um fato curioso: algumas salas de cinema da histórica Cinelândia passavam por um período de restauração e utilizaram como decoração grandes lustres de cristal Dominici. Nessa época, as importações foram restringidas no país e mais uma vez Furio Dominici se viu diante de um impasse: voltar para a Itália ou partir para a fabricação de produtos no Brasil. Encontrou um imóvel novinho em folha na rua 13 de Maio, em São Paulo, onde poderia montar uma loja no térreo e uma pequena fábrica no andar superior. Sua maior dificuldade seria, então, encontrar trabalhadores capazes de reproduzir a alta qualidade de manufatura a que estava habituado. A partir

de então, mais que uma equipe de trabalhadores, construiu um exército de amigos, admiradores de sua capacidade empreendedora, de sua sensibilidade, energia e gentileza.

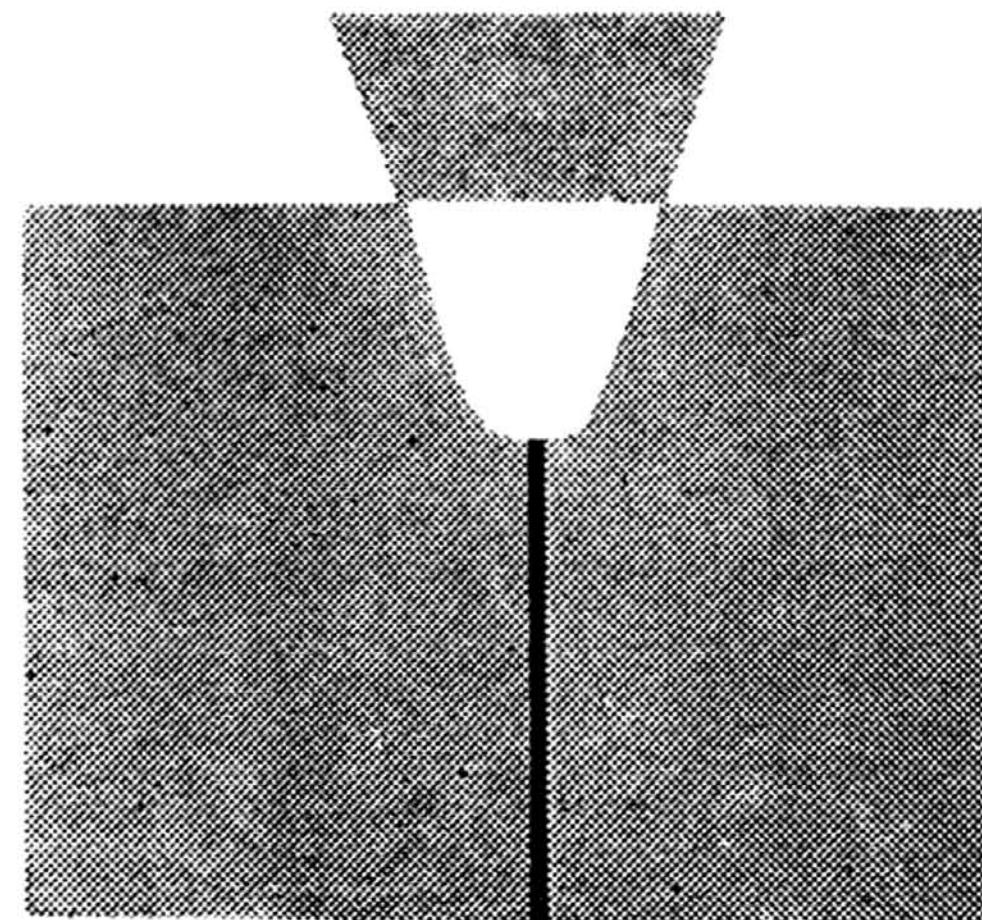
Quando o espaço já não era suficiente para o crescimento, comprou um “pedaço de terra” na avenida Santa Marina, nos anos 60, e lá construiu uma grande indústria, o último endereço onde trabalhou, até meados dos anos 80. Em frente, montou ainda uma fábrica de vidros, com a ideia de reproduzir o encantamento por suas memórias venezianas. A ela deu o nome de San Marco.

As lojas também expandiam-se, para diversas capitais do país. Nos anos 70, inaugurou mais uma no Rio de Janeiro, em Copacabana. Em São Paulo, endereços elegantes como o Shopping Center 3, a rua Haddock Lobo e o Shopping Iguatemi foram suas novas apostas. Foram anos de ouro para a marca, que a cada dia mais tornava-se sinônimo de iluminação no país. Além do extenso catálogo de produtos, desenvolveu peças especiais para grandes empreendimentos, hotéis e bancos. E também para santuários, como o Dom Bosco, em Brasília, onde “o enorme lustre de 4 m de diâmetro, com mais de 7 mil elementos de vidro, tornou-se cartão-postal, um ponto turístico”, lembrou Furio Dominici.

São dessa época minhas primeiras memórias, quando uma luminária Dominici era valorizada como um bem durável, sinônimo de sofisticação e qualidade, que atravessava gerações. Um imóvel tinha maior valor de mercado se equipado com luminárias Dominici. Assim volto ao começo deste relato, à época em que mergulhei neste baú de memórias. Minha primeira coleção para a empresa, no ano 2000, não poderia ter sido diferente: uma coleção protagonista de sua própria história. E assim criaram-se muitas outras, nas quais sempre busquei seguir os passos desse mestre, que tão bem soube construir uma marca alicerçada em dois pilares fundamentais: a tradição e a inovação, que considero o segredo de sua perenidade. Sigo produzindo coleções que reverenciam o gene do fundador, com um olhar que se orgulha do passado e outro, bem atento, que busca incansavelmente antever o futuro.

Enrico Furio Dominici faleceu em 18 de dezembro de 2010, pouco antes de completar 102 anos. |

* **Baba Vacaro** é designer, curadora, colunista e diretora de arte da Dominici



ILUMINAÇÃO MODERNA